

## ESPECTROS DE CLARICE

Prof. Dr. Edgar César Nolasco<sup>1</sup> (UFMS)  
Marcos Antônio de Oliveira<sup>2</sup> (UFMS)

**RESUMO:** *Espectros de Clarice*, como já diz seu subtítulo, deve ser lido como uma homenagem prestada a Clarice Lispector por seus trinta anos de morte. O título do ensaio alude ao livro derridaiano, *Espectros de Marx*, mas é escusado dizer que em se tratando de Clarice Lispector ela desvela, desde o nome, a herança anagramática de e-s-p-e-c-t-r-o-s/L-i-s-p-e-c-t-o-r. Centra-se no ensaio na questão da spectralidade clariciana porque o texto abre um livro intitulado *Espectros de Clarice* que se encontra no prelo e reúne artigos de estudiosos que prestam homenagem a escritora.

**Palavras-chave:** *Clarice Lispector, Espectros, Lispector, Estudos Culturais*

Em homenagem a Derrida.  
A vida de um homem, única assim como sua morte, sempre será  
mais do que um paradigma e outra coisa que não um símbolo. E  
é isto mesmo que um nome próprio sempre deveria nomear.

Derrida. *Espectros de Marx*

*Espectros de Clarice* deve ser lido como uma homenagem prestada a Clarice Lispector por seus trinta anos de morte. O título deste texto alude ao livro derridaiano, *Espectros de Marx*, mas é escusado dizer que em se tratando de Clarice Lispector ela desvela, desde o nome, a herança anagramática de espectros (Lispector).

Daí talvez ser um consenso da crítica brasileira de que só se pode falar de Clarice no plural. Quer seja por meio de sua vida, ou melhor, seus modos de viver, quer seja por meio de sua obra, ou modos de escrever, o que encontramos sempre é uma imagem, uma persona que se descentra para dentro, dispersando seus restos e passos corporais e escriturais. Isso corrobora, por sua vez, a não-pertinência de se afirmar que o projeto intelectual da escritora visou uma totalidade narrativa única, ou até mesmo uma única Obra. Talvez seja exatamente o contrário: a cada novo livro, a escritora operasse uma desconstrução da base estrutural anterior, o que, por sua vez, acabou espelhando a construção de um projeto não menos spectral e em abismo. Nessa empreitada lúcida e crítica, pode-se dizer que a última intelectual Clarice Lispector, ou seja, a Clarice de depois de 64, foi implacável até com a Clarice Lispector modernista e “quase” romântica da fase inicial (1943).

Mil e uma Clarices se insinuam nas frestas da vida e da ficção. Simplificando todas suas *personae*, diríamos que não se pode negar que a Clarice mãe, mulher e intelectual ajuda-nos a compreender o retrato esgarçado, heterogêneo e múltiplo que a ficção encena a cada novo papel-texto, e vice-versa. Os aportes teóricos da crítica biográfico-cultural nesse sentido são esclarecedores.

Talvez seja por conta desse modo, desse jeito spectral, ou melhor, “espiritual” de Clarice se portar para ela mesma, para o outro, logo para a sociedade inteira (sua obra tornada pública reforça e endossa tal gesto), que se pode dizer hoje, sem grandes exageros, que *um espectro ronda a literatura brasileira — o espectro de Clarice Lispector*.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> “Se o espectro sempre é animado por um espírito, pergunta-se quem se arriscaria a falar de um espírito de Marx, ou, ainda mais seriamente, de um espírito do marxismo. Não somente para predizer-lhe hoje um futuro, como também para invocar a sua multiplicidade ou, mais seriamente ainda, a sua heterogeneidade” (DERRIDA. *Espectros de Marx*, p.17).

Nem é preciso ser clariciano, basta gostar da literatura brasileira, ou simplesmente de literatura, para entender que a intelectual Clarice Lispector escavou um lugar abissal na tradição literária brasileira, relegando aos pósteros uma herança inegável. Se espectro não for assexuado, diríamos que o fato de Clarice ser mulher contribuiu para que a marca de tal herança se inscrevesse na história de nossa cultura intelectual, posto que na outra ponta tínhamos ninguém menos que um Machado de Assis. Espectralmente feminina, Clarice nos fez ver que *alguma coisa estava fora dos eixos* na tradição literária brasileira, ou seja, até então o falocentrismo desta. Salvo raríssimas exceções, ela enquanto escritora foi a mais contundente, mesmo que ainda travestida de uma timidez feminina; o que pouco importou, porque seu arrojo intelectual era ousado. Reconheço criticamente que Clarice Lispector não ocupa necessariamente esse lugar no qual estou querendo pô-la, nem muito menos seus espectros, que são muitos. Mas ao mesmo tempo inscreve-se aí a possibilidade de se pensar em o *meu espectro dela* e, por extensão, o da própria crítica. Sem esquecer que tal espectro está atravessado pela presença de um outro, o de Derrida, entre outros.

Sempre na esteira de Derrida, diríamos que os espectros de Clarice são também os dela própria, aqueles com os quais ela teve que conviver, que lidar, aqueles que a habitaram em vida, que apareceram e a fizeram ocupar-se deles. Nesse sentido, sua escrita pode ser tomada como um grande fantasma (aliás, fantasmática por excelência) desafiador, tanto quanto sua própria vida diaspórica, clandestina e nômade, na origem e depois, sempre, mesmo que ela tenha se voltado por razões de princípios e de coração para o lugar chamado Brasil. Sua escrita é desafiadora para a autora e para seu leitor em vários sentidos. Enquanto escrita fantasmática, ela trai a escritora naquilo onde ela mais procura denegar, fazendo com que uma imagem espectral da autora se esboce num desenho, ou traço sutil na escritura. Derrida afirma que o espectro *é a frequência de uma certa visibilidade do invisível*. Daí querermos inferir, tendo por base a relação entre a crítica e a obra clariciano, que tal imagem espectral não passe de uma criação imaginária da própria crítica que a vê projetada na tela não menos imaginária do texto clariciano. No caso específico de Clarice, sua tela-texto parece trazer sempre no fundo *uma estrutura de aparecimento-desaparecimento*, de algo interdito que se diz nas entrelinhas da escritura. A prática pensada de denegação da qual a autora se vale para sua criação reforça tal questão. A forma como escolhe, elege e propõe dialogar com seus amigos literários, no decorrer de sua produção intelectual, também só reforça a constatação.

Já que, para Derrida, a herança é um texto, diríamos que a crítica clariciano não passa de uma herança que herdou o lugar de falar da escritora, de falar de seus espectros no plural, posto que são tantos textos críticos, tantas Clarices, tantos espectros que não param de retornar a cada leitura, a cada tempo. A crítica enquanto herdeira não apenas recebe o direito de falar, mas também, e antes, escolhe e decide. *Grosso modo*, podemos dizer que a crítica não faz outra coisa senão declarar ao outro (espectro) sua admiração, sua dívida, seu reconhecimento — “a necessidade de ser fiel à herança a fim de reinterpretá-la e reafirmá-la ao infinito” (DERRIDA, ROUDINESCO, 2004 p.14). Segundo Derrida, “uma herança é sempre a reafirmação de uma dívida, mas uma reafirmação crítica, seletiva e filtrante” (DERRIDA, 1994a, p.124). O mesmo vale para a crítica que, entre vários espíritos, precisa reconhecer criticamente sua própria dívida espectral nunca quitada; e só à medida em que ela herda lhe permite dar testemunho de que ela é (herança-crítica). Ao crítico, enquanto herdeiro enlutado mas nunca falido, resta saber que “a herança não é jamais dada, é sempre uma tarefa” (DERRIDA, 1994a, p.78). Assim, designa tarefas contraditórias à crítica que acabam atestando sua finitude, ou melhor, sua condição mesma de reinterpretação permanente. Compete ao crítico eleger seus amigos escritores com os quais ele quer dialogar criticamente, posto que ele sabe que sua biografia também se inscreve em seu julgamento do outro e de si. “Nunca falo do que não admiro”, diz Derrida em “Escolher sua herança”, ao se referir aos amigos que contribuíram para sua herança intelectual (DERRIDA, ROUDINESCO, 2004, p.14).

Passados trinta anos da morte de Clarice Lispector, podemos dizer, e aqui sempre na esteira do pensamento espectral de Derrida, que a tarefa da crítica consiste em não insistir que se trata de um *retorno à Clarice*, já que ela nunca ainda saiu do cenário fantasmático da crítica brasileira, mas, sim, de um *retorno de Clarice*, ou seja, trata-se de levar em conta que uma certa espectralidade dela

retorna por meio dos comentários, exposições e homenagens (este texto pode ser um exemplo) e se impõe, fazendo com que a própria crítica não resista ao que esse espectro re-tornado demanda com sua aparição (virtual, midiática, impressa etc). Assim, resta à crítica, em nome desse espírito de Clarice, querer *desconstruir* suas idéias, no sentido derridaiano do termo. Suplementam-se idéias, autores, livros, textos, sentidos, leituras, biografias e espectros. Endossa nossa afirmação o que Ítalo Moriconi diz em “O espectro de Foucault”: “toda biografia é mitografia. Toda biografia é autobiografia do narrador. Lerescrever a vida do outro spectral pode ser, deve ser, efetivamente é, exercitar-se numa escrita de si, releitura de si. As biografias de Foucault. Delas ressalta o caráter de signo autobiográfico inerente a toda história intelectual (auto-reflexionada, auto distanciada) de uma vidaobra. Minha formação: minha auto-reflexão na relação especular com o signo-a-si desta vidaobra. O Foucault spectral. Autor: *assinatura, signo, fetiche, espectro*. (Apud MARGENS/MÁRGENES, p.52).

Nesse sentido, a crítica feita a Clarice Lispector é mais do que um suplemento à sua biografia intelectual; é a soma de espectros e de traços autobiográficos. A própria crítica é spectral e se faz numa relação não menos spectral: *ela pensa estar vendo o outro, quando na verdade é o outro quem a vê*.

Derrida abre o “Exórdio” de seu livro se perguntando, e questionando quem sabe aprender a viver, quem pode dar lição, e o que quer dizer aprender a viver? (DERRIDA, 1994a, p 9). Esboça a seguir, mesmo que na forma de outra pergunta, uma possível resposta: *aprender a viver, ensinar a si mesmo a viver não é, para quem vive, o impossível?* Diz que por definição *viver não se aprende*. Conclui, por fim, que o tempo do “aprender a viver” consiste nisto para o qual o exórdio mesmo encaminha: “aprender a viver *com* os fantasmas, no encontro, na companhia ou no corporativismo, no comércio sem comércio dos fantasmas” (DERRIDA, 1994a, p.11). Nesse sentido, a literatura toda de Clarice poderia ser tomada como um exemplo perfeito do que postula Derrida sobre o “aprender a viver”. Na crônica sintomaticamente denominada de “Aprender a viver”, Clarice reitera: “pudesse eu um dia escrever uma espécie de tratado sobre a culpa. Como descrevê-la, aquela que é irremissível, a que não se pode corrigir? Quando a sinto, ela é até fisicamente constrangedora: um punho fechando o peito, abaixo do pescoço: e aí está ela, a culpa”. (LISPECTOR, 1984, p.312). Talvez seja escusado dizer que o sentimento de culpa seja inerente à trajetória de vida de Clarice Lispector. Também não é por acaso que na crônica oportunamente intitulada “Pertencer” a escritora constata: “fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado” (LISPECTOR, 1984, p.153).

Pertencendo ou não pertencendo a ela mesma, ou à literatura brasileira, conclui que *pertencer é viver*, só lhe sobrando aprender a viver com culpa: “a culpa em mim é algo tão vasto e tão enraizado que o melhor ainda é aprender a viver com ela, mesmo que tire o sabor do melhor alimento: tudo sabe mesmo de longe a cinzas” (LISPECTOR, 1984, p.312). Tais cinzas, tais restos dispersos de uma vida cultural diaspórica migram para o mundo da ficção da escritora, tingindo sua escrita com um traço biográfico que faz toda a diferença.<sup>2</sup>

Entre muitos outros, a culpa é um dos fantasmas que vão acompanhar a escritora até o fim da vida. “Não sou dos que se libertam”, diz ela (LISPECTOR, 1984, p.312). Ou seja, *como não há libertação, como ensinar a si mesma a viver é impossível*, e já que *ninguém pode dar lição*, resta aprender a viver com a culpa de *não saber-viver* (talvez aqui entre a escrita, na qual chegaremos só-depois).

Numa Entrevista dada a menos de dois meses da morte, e publicada com o título de “Estou em guerra contra mim mesmo”, Derrida é intimado a falar sobre o desejo de “saber viver” tratado por ele há mais de dez anos no Exórdio de *Espectros de Marx*. Responde de forma incisiva: “não,

<sup>2</sup> Ver o livro *Restos de ficção*: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector, principalmente o texto “Nos limiares da vida e da ficção”.

nunca aprendi-a-viver.(...). Aprender a viver deveria significar aprender a morrer,(...). Desde Platão, é a velha injunção filosófica: *filosofar é aprender a morrer*. Acredito nessa verdade sem a ela me entregar inteiramente. Cada vez menos” (*Apud MARGENS/MÁRGENES*,p.13). Derrida deixa claro que *todos os conceitos que o ajudaram a trabalhar* durante toda a vida, sobretudo o de rastro ou o de espectral, estavam ligados a ‘sobreviver’ como dimensão estrutural, já que “a sobrevida não deriva nem de viver nem de morrer” (*Apud MARGENS/MÁRGENES*,p.13). E conclui,digamos, de forma claricianamente: “no momento em que deixo (publicar) ‘meu’ livro (ninguém me obriga), torno-me, aparecendo-desaparecendo, como o espectro ineducável que jamais terá aprendido a viver.(...). Deixo um pedaço de papel, parto, morro: impossível sair dessa estrutura, ela é a forma constante de minha vida. Cada vez que deixo partir alguma coisa, vivo a minha morte na escritura” (*Apud MARGENS/ MÁRGENES*,p.15) Digo de forma à la Clarice Lispector porque a obra toda da escritora pode ser lida como uma escritura sobre vida enquanto sobre (a) vida. Quem contra-argumentaria a mim de que não retirei esta seguinte passagem de uma página qualquer de *A paixão segundo G.H?* : “a sobrevivência é a vida além da vida, a vida mais que a vida, e o discurso que sustento não é mortífero, pelo contrário, é a afirmação de um vivo que prefere o viver e portanto o sobreviver à morte, pois a sobrevida não é simplesmente o que resta, é a vida mais intensa possível. Nunca me sinto tão obcecado pela necessidade de morrer do que nos momentos de felicidade e gozo. Gozar e chorar a morte que espreita, para mim, é a mesma coisa. Quando recordo a minha vida, tendo a pensar que tive essa chance de amar até os momentos infelizes de minha vida, e de abençoá-los” (*Apud MARGENS/MÁRGENES*, p.17). Afinal não é a toa que, para Clarice Lispector, “escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada” (LISPECTOR, 1984,p. 191).

Quer seja na filosofia, quer seja na ficção, quer seja pelo pensamento filosófico ou literário, quer seja em Derrida ou em Clarice, quer seja Derrida ou Clarice, o processo de (des)aprendizagem pela *sobrevivência* ( sobrevida) parece ser o mesmo. No final da vida, Derrida diz que apesar de acreditar na verdade platônica de que *filosofar é aprender a morrer*, a ela se entrega “cada vez menos”, conforme vimos antes. Ou seja, entendemos que, mesmo que Derrida tenha filosofado até o fim da vida, ele permaneceu “ineducável quanto à sabedoria do saber-morrer”, assim como nunca *aprendeu-a-viver*, como já dissemos. A réplica para Clarice não seria menos verdadeira: *escrever é aprender a morrer*. Mas, não no sentido de salvação, posto que a escrita não salva o sujeito que a pratica. Sim no sentido de que se escreve apesar da vida e apesar da morte: a escrita, em Clarice, é sobrevida. “Escrever é um dos modos de fracassar”, vaticinou certa vez a escritora. Talvez por ter tal consciência que ela tenha feito de sua busca pela linguagem sua travessia única<sup>3</sup>, realizando-se, assim, exatamente ali onde ela enquanto escritora mais fracassaria. Não saber-viver fez com que Clarice contornasse a falta, a culpa, o luto na escrita, e tudo sem nenhuma esperança de salvação.A ficção não compensa a vida, mas às vezes ocupa o seu lugar para que um espectro nela retorne. Se não em vida, depois da morte do sujeito o espectro escava para si (e para seu outro) um lugar de honra na cultura do presente.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Trad. de Annamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994a.
- [2] DERRIDA, Jacques. Derrida caça os fantasmas de Marx: entrevista a Betty Milan. *Folha de São Paulo*, 26 de junho de 1994b.
- [3] DERRIDA, Jacques, ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã*: diálogo. Trad. de André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- [4] DERRIDA, Jacques. Entrevista. In.: *MARGENS/MÁRGENES* – Revista de Cultura,n.5, julho – dezembro, 2004, Belo Horizonte et al.. p.12-17: Estou em guerra contra mim mesmo.
- [5] LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984.

<sup>3</sup> “A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes” (LISPECTOR, 1979, p.172).

- [6] LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1979.
- [7] MORICONI, Ítalo. In.: MARGENS/MÁRGENES – Revista de Cultura, n.6/7, janeiro – dezembro, 2005, Belo Horizonte et.al.. p.46-57: O espectro de Foucault.
- [8] NOLASCO, Edgar César. *Restos de ficção: a criação biográfico-literária de Clarice Lispector.* São Paulo: Annablume, 2004.

---

<sup>1</sup> **Edgar César NOLASCO, Professor Doutor**  
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, DLE/CCHS)  
ecnolasco@uol.com.br

<sup>2</sup> **Marcos Antônio de OLIVEIRA, Graduando**  
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, DAC/CCHS)  
marcosbessa2001@yahoo.com.br